

Transversalidade, currículo, gênero, raça e a educação

Transversality, curriculum, gender, race and education

Lucas Yuri da Silva Rodrigues¹

“Apesar das críticas e da incredulidade de que a transversalidade pudesse dar conta de introduzi-las no currículo, algum tempo depois foi inegável que os temas propostos se tornaram presentes nas discussões sobre educação no país” (MACEDO, 2006)

Ao pensarem na organização deste livro, Yuri Miguel Macedo, Eliana Povoas Pereira Estrela Brito e Simone Silva Alves propuseram a reflexão sobre a possível articulação dos inúmeros saberes que são produzidos na academia e, principalmente, tensionaram os currículos escolares por meio de temas que são emergentes no país e no mundo. Para tanto, iniciaram este escrito sobre o livro: Universalização Transversal, nos apropriando daquilo que já foi enunciado há anos por Macedo (2006), que nos concebe sobre a descrença que o currículo não se articulava com temáticas tão essenciais e que estão em ascensão como as questões de gênero, sexualidade, raça e etnia.

Ao conceber a ideia do livro, os organizadores se dispuseram a ressignificar pontos essenciais para a formação dos estudantes, a reflexão docente e as pesquisas que pairam sobre esses assuntos. Composto por nove capítulos, o livro se dispõe a passear entre três grandes pontos: Currículo, Gênero e Raça.

A partir do prefácio de Sônia Guimarães, do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), e do prólogo de Paulo Peixoto de Albuquerque, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pode-se inferir que o livro apresenta “a temática de forma intermitente, isto é, sua regularidade foge à regra dos livros que buscam desesperadamente a aceitação do leitor” bem como “busca refletir, mesmo em tempos de crise, que não é só o útil que tem finalidade prática. Existem

¹ Professor de Química da Educação Básica do Estado de Minas Gerais. Editor-chefe na Revista Latino-Americana de Estudos Científicos (RELAEC). Especialista em Química Geral e Industrial pela Faculdade Unyleya (2021), Graduação em Gestão Ambiental pelo Centro Universitário Estácio Ribeirão Preto (2018) e graduação em Química pela Universidade de Uberaba (2018). Pesquisador nos grupos de pesquisa: Educação Transversal (UFES/CNPq), Erê-Ecoa (UFES/CNPq) e Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Especial e Inclusão (UNEB).

saberes que não se materializam ou são conhecidos porque tem ritmos, tempos e registros que nem sempre a academia consegue capturar.” (ALBUQUERQUE, 2019, p. 15)

No primeiro capítulo, intitulado “A relação da escola com o negro e o sujeito-negro-gay: uma luta de resistências”, os autores Yuri Miguel Macedo e Marcelo Loureiro Ucelli trazem, para reflexão, que práticas a escola tem realizado para garantir a permanência dos sujeitos-negros-gays nas escolas, assegurando assim a saída do ambiente escolar com sucesso esses indivíduos. Efetivando de fato o que foi previsto pela Constituição Federal de 1988 e apresentado pela Secretaria de Educação Continuada (SECAD) do Ministério da Educação,

As políticas educacionais precisam levar em conta as discussões acerca da função social da escola na construção de masculinidades e feminilidades, contrapostas ao modelo convencional, masculino, heteronormativo, branco e de classe média. Não podem ignorar os efeitos que os processos de construção de identidades e subjetividades masculinas, femininas, hetero, homo ou bissexuais produzem sobre a permanência, o rendimento escolar, a qualidade na interação de todos os atores da comunidade escolar e as suas trajetórias escolares e profissionais. (BRASIL, 2007, p. 35).

Continuando no capítulo, Simone Silva Alves e Paulo Peixoto de Albuquerque, nos apresentam o texto “Racismo e preconceito: currículo como contraponto??!!”, que traz uma reflexão sobre a importância de se ter um currículo que seja pautado no combate ao racismo existente no ambiente escolar, por meio de um histórico que contemple a diferença. Silva (1999), nos aponta o olhar para as questões como etnia, raça e gênero, e nos mostra que tais questões foram recentemente problematizadas no currículo, a partir de análises pós-estruturalistas e dos estudos culturais: “é através do vínculo entre conhecimento, identidade e poder que os temas da raça e da etnia ganham seu lugar no território curricular” (p. 101).

Com o título “Tirar o currículo do armário”, o terceiro texto, de Alexandre de Oliveira Fernandes (Alexandre Osaniiyi) e Ana Joaquina Amaral de Oliveira, apoiados pelas teorias e escritos de Judith Butler, nos apresenta uma importante reflexão sobre

O currículo escolar brasileiro tem se enamorado de um regime autoritário quando evoca para si uma “escrita” altamente policiada – interna e externamente –, expressando-se, exprimindo-se por meio de uma palavra a reprimir e vetar todas as outras, a saber, “Ordem”, o que nos leva a um mal estar, qual seja, o currículo escolar ainda insiste em produzir sujeitos generificados, ou seja, homens e mulheres como “sujeitos de gênero” numa lógica binária normalizante, signo da conformidade, adequação e obediência. (MACEDO et. al. 2019, p. 66)

Diante de todo esse processo apresentado, cabe sim à educação romper e caracterizar um currículo enquanto projeto político que desestabiliza, subverte e emancipa os fenômenos sobre gênero e sexualidade na escola e na sociedade. Balizando tal texto, Macedo (2006) afirma:

Penso nos currículos escolares como espaço-tempo de fronteira e, portanto, como híbridos culturais, ou seja, como práticas ambivalentes que incluem o mesmo e o outro num jogo em que nem a vitória nem a derrota jamais serão completas. Entendo-os como um espaço-tempo em que estão mesclados os discursos da ciência, da nação, do mercado, os “saberes comuns”, as religiosidades e tantos outros, todos também híbridos em suas próprias constituições. (MACEDO, 2006, p. 289)

O quarto capítulo, apresentado por Mariana Fernandes dos Santos e Regiane Soares Santos, intitulado “Discurso de mulheres e representação social: uma análise controversa em letras de funk”, vem para tensionar. As autoras, por meio da Linguística Aplicada, visam a discutir as relações de gênero por meio da análise de discurso francesa, tendo como embasamento os teóricos Pêcheux (1983,1995) e Foucault (1979,1995), que corroboram na compreensão de que há uma necessidade de desnaturalização da ordem binária nas relações de gênero nas letras de funk, que podemos perceber por meio das letras “Fala mal de mim”, da cantora Ludmilla, e “100% feminista” de Mc Carol e Karol Conká.

Vale ponderar, a partir do texto, temas importantes como as questões de identidades apresentadas por Hall (2001), que nos diz que “as identidades culturais são pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento” (p. 68), e na necropolítica de Mbembe (2016) que nos fala que “o corpo em si não tem poder nem valor” (p. 143).

No intuito de compreender os discursos presentes na prática da sala de aula, bem como a necessidade de rever os processos histórico-sociais de toda a constituição da sociedade brasileira, é oportuna a leitura do texto “Currículos e saberes: o resgate da memória dos perseguidos políticos no Brasil e a necessidade de construção de um projeto educativo emancipatório”, escrito por Gilsilene Passon P. Francischetto, Yuri Miguel Macedo e Giovana Aparecida Fabio Zanetti. Este capítulo vem na finalidade de potencializar a tomada de consciência dos indivíduos, a partir do resgate da memória em torno da resistência ao regime militar no Brasil, como um elemento fundamental na construção de um projeto educativo emancipatório.

Decerto, ao se pensar em emancipação, Gomes (2017), em seus discursos, apresenta o Movimento Negro enquanto precursor da emancipação social por meio espaço político e educativo. Assim, o espaço educativo e emancipado apresentado por ele nos traz esperança em pensar nas práticas pedagógicas e escolares que buscam o combate do racismo; sendo assim, o texto “As canções na prática de uma educação antirracista, decolonial e intercultural” presente no sexto capítulo do livro, por Lisandra Cortes Pingo e Valdenor Silva dos Santos, vem nos apresentar uma trajetória profissional que entrelaça a cultura e educação por meio da música.

Todo o processo se construiu na intermediação e na interlocução do processo reflexivo e autoeducativo de profissionais ligados à educação formal e não formal. Bell Hooks (2013) afirma que o multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula (2013, p. 63). Isso é explícito nas referências mais amplas dos estudantes e da sociedade no geral, as mídias têm contribuído para isso e esse é um dos pontos da “cultura histórica”, na área da educação histórica. Observa-se que um dos desafios é lidar com a cultura escolar, que está acostumada a não tratar da diversidade cultural existente no seu espaço, fruto das tradições enraizadas no currículo, nos materiais didáticos e, sobretudo, nas concepções dos professores a respeito do “outro”, da cultura e da participação efetiva na formação e no desenvolvimento social, por isso a importância da interdisciplinaridade.

De uma fonte riquíssima de informações voltadas ao cinema, Bárbara Maria Cerqueira Cazé nos apresenta o texto “Cineclube Afoxé: a potência do cinema para o diálogo sobre as mulheres negras”, focada na importância de se repensar os caminhos e os espaços das mulheres negras, que, por muitas vezes foram silenciadas e subalternizadas por uma indústria cinematográfica, branca, eurocêntrica, patriarcal e cristã. Assim como o texto de Mariana e Regiane, é necessário fazer reflexões acerca do cinema junto com gênero e principalmente com recorte raça/cor.

Corroborando essa temática, Louro (2011) aponta que o cinema se constitui enquanto uma pedagogia cultural, ou seja, uma instância formativa poderosa, na qual representações de gêneros sexuais, étnicos e de classe são reiterados, legitimados ou marginalizados. No Brasil, “ir ao cinema” mais do que “assistir ao filme” passou a fazer parte dos eventos semanais dos moradores das áreas urbanas nas primeiras décadas do século XX. Jovens e adultos enchiam os cineteatros em busca da magia do cinema, sobretudo do estadunidense que se pretendia universal. Os estúdios de cinema vendiam mais que lazer, vendiam um estilo de vida, glamour e magia.

A escola é uma das poucas instituições sociais a que grande parte da população tem acesso em algum momento da vida, considerando que muitos são os desafios impostos à área educacional, a educação, em todas as suas formas, é um processo social por excelência. Nesse sentido o texto “Currículo e relações étnico-raciais nas narrativas de negros surdos na Educação Básica”, desenvolvido por Priscilla Leonor Alencar Ferreira e Benedito Eugenio, vem debater sobre esse ponto importante que converge entre a educação para as Relações Étnico-raciais e a Educação Especial e Inclusiva, ou seja, o texto é o resultado de uma pesquisa realizada com negros surdos acerca do seu processo de escolarização na educação básica cujo um dos objetos de estudos é o currículo.

Confirmado todo esse processo de exploração da história e cultura africana para surdos, Araújo (2015) explicita que, as questões sociopolíticas, culturais e econômicas influenciam a

constituição/formação dos sujeitos, e, à medida que temos conhecimento das marcas sociais que pesam sobre as trajetórias de vida das crianças, torna-se fundamental antes de construir/formular políticas públicas, conhecer as infâncias reais, as formas concretas de viver a infância.

Entrelaçando esse tema, Suely Dulce de Castilho, Érico Ricard Lima Cavalcante Mota e Kildilene Carvalho Matos Mota escreveram o texto “O livro didático como parte do currículo escolar quilombola: como pensam os professores?”, que nos remete às concepções que os professores têm sobre o livro didático no contexto curricular da Escola Estadual Maria de Arruda Muller (educação quilombola), localizada no município de Santo Antônio do Leverger, no Estado do Mato Grosso - MT. A escrita nos leva a repensar sobre o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que é excludente, segregador, eurocentrado, e que não tem atendido às escolas quilombolas e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola.

A partir do livro comentado, é possível compreender que o currículo, gênero e raça estão entrelaçados no processo de transversalidade que deve existir dentro do espaço escolar, e principalmente contribui para uma discussão além da teoria e da escrita, se assetando no chão da escola, na sala de aula e na prática cotidiana.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Marlene de. **Infância, educação infantil e relações étnico-raciais**. Orientadora: Nilma Lino Gomes. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.
- BRASIL. Secretaria de Educação Continuada (2007). **Gênero e diversidade sexual na escola: Reconhecer diferenças e superar preconceitos** (Cadernos SECAD 4). Brasília, DF: Autor.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Editora DP&A: São Paulo, 2001.
- HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. **O cinema como pedagogia**. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- MACEDO, Elizabeth. A diferença nos PCN do Ensino Fundamental. In: LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. (Org). **Políticas de currículo em múltiplos contextos**. São Paulo: Cortez, 2006. p. 159-186.
- MACEDO, Elizabeth. Currículo como espaço-tempo de fronteira cultural. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, p. 285-296, ago. 2006.

MACEDO, Y.; BRITO, E. P. P. E.; ALVES, S. S. (Organizadores). **Universalização Transversal: Currículo, Gênero e Raça.** 1. ed. Linhares: Editora Oyá, 2019. v. 1. 228 p.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista Arte e Ensaio.** Rio de Janeiro, n. 32, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

